

9 O RICO COTIDIANO DO ALFABETIZAR(SE)

*Juliana Gomes Fernandes*²¹

Passadas as três semanas do curso, onde os alfabetizadores tiveram um grande embasamento teórico, o próximo objetivo era a formação das turmas. Todos estavam ansiosos para colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Apesar de estarmos em um país de milhões de analfabetos, a organização dessas turmas foi difícil. Cada uma delas representou uma conquista.

A minha turma de alfabetização foi formada na EIM – Empresa de Instalações Industriais, localizada na Avenida Washington Soares. Em janeiro, mais precisamente no dia 14, tive o primeiro contato com o grupo. Foi marcada uma reunião à tarde para inscrição dos alunos. Para minha surpresa e alegria, quinze pessoas inscreveram-se. Em relação às outras, a formação desta turma foi fácil e tranqüila. Isso aconteceu devido à empresa prestar atendimento odontológico às crianças das comunidades Novo Alagadiço e Cambeba, e ao fato de os próprios funcionários do setor de recursos humanos encarregarem-se da divulgação da reunião e do projeto.

O grupo foi formado, na sua maioria, por senhoras evangélicas da comunidade, com faixa etária entre 40 e 75 anos. Um funcionário da empresa também entrou no grupo.

As aulas começaram com dezessete alunos. Na primeira semana trabalhei bastante a socialização, para que o grupo se constituísse como tal. Quase todos já se conheciam por serem da mesma igreja, mas eles eram muito calados e tímidos. Fiz muitas dinâmicas de interação (em relação às quais senti um pouco de resistência); sugeri que fizessem desenhos e trabalhei bastante os nomes próprios.

²¹ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará e professora do ensino fundamental.

No decorrer das aulas, alguns alfabetizando começaram a se envolver mais nas atividades, mostrando-se mais interessados. Já outros, demonstravam certa desconfiança, pois esperavam aulas com cartilha, cópia, etc., – o famoso bê-á-bá. Mas, desde o primeiro contato que tive com eles, expliquei que o Alfabetizar(se) utiliza métodos diferentes dos tradicionais, porque parte do dia-a-dia dos alunos. Não seria usada cartilha e sim textos bem mais interessantes como notícias de jornal, revistas, músicas, enfim, tudo o que fosse significativo para eles e que possibilitasse uma aprendizagem construída por eles próprios.

Ao longo do projeto, infelizmente, houve uma evasão de cerca de onze alunos. As causas da desistência não diferem de qualquer outra turma de alfabetização de jovens e adultos: desinteresse, falta de perseverança e resistência ao método. Mas os oito alunos que permaneceram eram maravilhosos, empolgados e felizes. A turma era alegre e tinha um astral ótimo. Um laço forte de amizade foi criado entre eles e também comigo. As aulas desenvolveram-se em um clima de harmonia, descontração e respeito mútuo. O entusiasmo e a alegria dos alunos constituiu-se em grande motivação para mim.

No planejamento das aulas, procurei sempre intercalar: atividades de leitura, com atividades de escrita e reflexão. Utilizei muitas dinâmicas e jogos didático-pedagógicos. No início das aulas, fiz uma sondagem sobre os interesses da turma o que me direcionou e foi a base para a escolha das temáticas. Toda semana eu perguntava o que eles queriam trabalhar e discutir na semana seguinte. Pelo fato de serem evangélicos, sempre pediam temas sobre Deus e família. Trabalhamos diversas temáticas tais como: educação, violência, política, preservação do meio ambiente, cidadania, direitos do trabalhador, a mulher na sociedade e no mercado de trabalho, valores morais (como a honestidade), o desemprego, direitos do consumidor, a injustiça e a desigualdade social.

Para trabalhar e desenvolver bem estas temáticas e conteúdos sociais, utilizei diversos tipos de texto e gêneros literários. Por já conhecer as características da turma, textos bíblicos foram utilizados para discutirmos sobre a vontade de Deus e Sua bondade. Usei salmos e provérbios, parábolas de Jesus e muitas outras histórias. Era lindo ver o brilho nos olhos delas quando viam que estavam lendo algo tão precioso. Algumas traziam suas bíblias e sugeriam algumas passagens. Trabalhei também versões mais atualizadas, como por exemplo, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*. Estes textos foram muito significativos para a turma, pois a maioria (oitenta por cento) voltou a estudar para poder ler a bíblia. Uma delas dizia sempre: "Eu só estou aqui porque quero aprender a ler a Palavra de Deus."

As fábulas foram utilizadas quando trabalhamos os valores morais. Os alfabetizados gostaram muito desse tipo de texto e se identificaram bastante com os animais das histórias. Devido às lições de moral que as fábulas trazem, as discussões foram ricas. Algumas vezes eu lia a fábula e pedia para que identificassem a moral da história; outras vezes, dividia a turma e uma parte defendia o ponto de vista de um animal e a outra parte apoiava as atitudes do outro.

Acredito ter trabalhado com quase todo tipo de gênero literário: receitas culinárias, músicas, contos, lendas, literatura de cordel, poemas, poesias, cartas, listas de compra, bilhetes, mapas, lista telefônica, textos informativos, jornais (anúncios, classificados, seção de novela etc), revistas, bíblia, cartazes obtidos em posto de saúde sobre doenças, encartes de supermercado, calendário, rótulos, cardápios, dicionário e anúncios de propaganda. Só não usei nenhuma vez a bula de remédio, pois seria inviável sua leitura devido ao tamanho da letra.

Os alfabetizados identificaram-se bastante com o Patativa do Assaré. Talvez pelo fato de todos serem do interior e terem passado pelas dificuldades que o autor conta. Eles ficaram admirados quando souberam que esse

poeta não tinha estudo, era quase um analfabeto. Na verdade, ele escrevia apenas o nome e com muita dificuldade. Tive a oportunidade de levar para a sala de aula dois livros deste autor, um deles com sua assinatura. Uma aluna fez o seguinte comentário: "Professora, a letra dele é toda tremida. Como é que pode eu ter letra mais bonita que ele, um homem famoso?"

O texto do Patativa que eles mais gostaram foi o "Vou vortá." Iniciei lendo o texto e pedi para que eles identificassem as palavras incorretas do ponto de vista ortográfico. Em seguida, pedi para que eles reescrevessem essas palavras. A aluna mais falante e alegre, disse: "Vala, ele escreve do jeito que fala. E pode?"

Comecei a usar os textos do Patativa ainda no primeiro mês de aula e constatei dois fatos: o primeiro foi que os alfabetizandos sentiram-se muito capazes por realizarem essa atividade de corrigir as palavras ortograficamente incorretas. Descobri ainda o fascínio daquelas pessoas pela rima. Esse foi um dos motivos deles terem gostado tanto dos textos do Patativa do Assaré. E todos ficavam entusiasmados quando eu levava um texto que continha rimas. Interessante que eles gostavam tanto que um dia eu levei dois poemas sobre o corpo humano e os alunos não gostaram. Disseram que os poemas eram fracos, que não diziam coisa com coisa. O fato é que os poemas não rimavam. Mas expliquei que nem todo poema rimava e que os poetas podem escrever de diferentes formas.

Aproveitando essa preferência geral dos alunos, trabalhei com músicas tais como *A Casa*, de Vinícius de Moraes. Eles gostaram muito. Nós cantamos (foi lindo!) e em seguida, pedi que eles pintassem da mesma cor as palavras que rimavam. Depois, pedi para que escrevessem outras palavras que rimassem com as desta música. Com esse mesmo objetivo também foi trabalhada a música *É*, de Gonzaguinha. Nessa aula, discutimos muito sobre cidadania, sobre formas práticas de lutar por nossos direitos.

Uma aula extremamente produtiva foi a que eu levei a música *Ai que Saudade*. Li todo o texto, inicialmente. Em seguida, pedi para que os alunos lessem um trecho da música e comentassem. A partir da letra, trabalhei a carta. Primeiramente levei uma carta escrita em um cartaz e expliquei também como um envelope é preenchido. Então, terminada a carta, os alfabetizandos confeccionaram um envelope e preencheram-no. Alguns colocaram no correio e receberam até a resposta! Uma senhora bem idosa, emocionou-se por ter conseguido escrever algumas frases para sua filha, que está no Rio de Janeiro e há muito tempo não mandava notícias.

No dia seguinte, ainda trabalhando com as cartas, fizemos uma carta coletiva. Depois de um período de discussões, resolvemos escrever para Lula, o Presidente da República. Os alunos envolveram-se bastante nessa produção coletiva, na qual eles falavam as frases e eu as copiava no quadro, funcionando como escriba para eles. Durante essa produção, passei por uma situação um pouco difícil. Uma aluna não gostava do Lula e começou a falar mal do Presidente, do PT e do Governo. Ela ficou extremamente nervosa. Na tentativa de acalmá-la, falei que nossas aulas estavam acontecendo porque o Lula havia liberado as verbas para o projeto. Ela ficou ainda mais nervosa, dizendo que se eu continuasse o defendendo ela iria embora. Foi um momento bem delicado.

Trabalhei durante uma semana com receitas culinárias. Levei algumas receitas simples e econômicas. Expliquei como elas são estruturadas: título, ingredientes, modo de fazer e rendimento. Fiz um texto lacunado em papel madeira de uma omelete de queijo e distribui fichas com as palavras que faltavam na receita. Em outro momento, li uma receita sem falar o título para que eles descobrissem qual era a receita. Por último, pedi para que escrevessem uma receita que eles já haviam feito. Mostrei-lhes também um livro de receitas para que identificassem comidas de outras regiões

do país, receitas que já conheciam e as que nunca tinham ouvido falar.

Na sala de aula havia um armário com vários livros que a empresa permitiu que fossem emprestados aos alunos. Eles levaram para casa por uns quinze dias. Depois, cada um contava para os outros a história que havia lido, se havia gostado ou não, achado fácil ou difícil. Foi nesta atividade que demonstraram mais dificuldade. Eles mesmos confessaram que não se sentiram à vontade, pelo fato de nunca terem pegado em um livro para ler. Achavam que não eram capazes, dignos de lerem um livro. Os livros foram escolhidos por eles próprios, eram bem ilustrados e com letras grandes. A questão foi realmente a falta de familiaridade com esta prática, a baixa auto-estima e o medo de se expor, de fracassar.

Na semana do aniversário de Fortaleza, trabalhei com eles o texto de Milton Dias, "Este Meu Amor por Fortaleza." Os alfabetizados reclamaram da extensão do texto e que havia muitas frases confusas, complicadas. Com um mapa de Fortaleza bem grande, realizamos diversas atividades. A interação dos alunos foi imensa. Todos queriam procurar a rua onde moravam e onde moravam seus familiares. Procuramos no mapa as praias que estavam no texto. Pedi para que fizessem uma lista dos bairros que conheciam. A correção foi feita pelos próprios alunos, utilizando o mapa. Eles também fizeram uma lista com o nome dos terminais de ônibus de Fortaleza. Depois, fomos procurá-los no mapa. Houve uma boa discussão sobre a questão do transporte coletivo, o desrespeito dos motoristas, o passe livre dos idosos, entre outros.

Em uma aula, li um conto chamado *A Linha Mágica*. Apesar de muito longo, os alunos gostaram bastante. Como a história era comprida, eu, com frequência, parava e fazia algumas perguntas para ver se estavam acompanhando e entendendo o texto. A história falava das várias etapas da vida de um menino impaciente. A atividade de escrita

proposta foi que os alfabetizandos escrevessem um texto contando a história de vida deles. Eles se envolveram tanto que essa produção rendeu duas aulas. Na semana seguinte, digitei o texto que eles produziram. Eu nunca vou esquecer da reação que dois alunos tiveram. Sem falar nada sobre o texto, entreguei o de cada um e pedi que lessem. Fiquei observando a fisionomia dos dois. A aluna emocionada disse: "Professora, fui eu que escrevi isso, é a minha história, que coisa linda!" O outro aluno leu o seu texto repetidamente. Olhava para o papel como se fosse uma grande jóia. E na verdade era.

Para mim, esse foi o momento mais especial como participante do Alfabetizar(se). Pude ver o quanto eles se sentiram capazes, importantes. Penso que não pode existir recompensa maior para um trabalho como esse, do que ver em seus alunos a autoconfiança e a dignidade sendo resgatadas. Enquanto liam e reliam, eu alimentei esse sentimento, dizendo que eles eram capazes, que eram cidadãos, que nunca poderiam desanimar nem desistir dos seus sonhos. O interessante é que eles fizeram questão de ler o texto do outro, fazer comentários. Foi realmente uma aula inesquecível.

Minha preocupação diária sempre foi propor atividades desafiadoras e estimulantes. Em minha sala de aula tive alunos em vários níveis de escrita. Três alunos iniciaram as aulas no nível alfabético. Eles apresentavam poucos erros ortográficos. Com eles trabalhei bastante a produção de textos, a ortografia e a concordância.

R. era funcionário da empresa e faltou apenas uma aula em seis meses. Sua presença no curso foi resultado do grande incentivo dos seus empregadores para que ele retomasse os seus estudos.

L. estudou até a 5ª série e adorava escrever e desenhar. Apesar de já ter construído com segurança a hipótese alfabética, constantemente falava que nunca se conformaria com o que já sabia, gostaria sempre de aprender mais.

M. ficou viúva em 2003. Ela me contou que a sua vida parecia ter acabado. Mas os estudos deram-lhe novo ânimo. “As aulas trouxeram minha alegria de volta, eu estou adorando tudo. Se eu ficar em casa, vou ficar triste porque vou lembrar dele.”

H. começou as aulas na hipótese silábica. Seu avanço maior foi na leitura. Ela não conseguia ler nenhuma frase completa e entender seu significado. Com ela trabalhei textos curtos, rimas (para ir percebendo a semelhança das sílabas finais), recortes de revistas e outros. Em uma noite, ela disse:

Professora, sábado eu consegui ler a bíblia lá na igreja. Eu tinha muita vontade e vergonha ao mesmo tempo, mas quando o líder dos jovens me chamou, eu fui e consegui. Eu li na frente de todo mundo.

Como foi gratificante ouvir isso! Quanto à escrita, o avanço foi pequeno. Não por falta de capacidade mas talvez por falta de força de vontade. Ela própria reconheceu que não se esforçou muito.

Dois alunos começaram as aulas conhecendo as letras sem conseguir, porém, juntá-las em sílabas. Não faziam correspondência entre letra e som. Com eles usei muitas letras móveis, jogos com tampinhas, desenhos, palavras incompletas etc. Possuíam uma baixíssima auto-estima e um grande complexo de inferioridade. Infelizmente, eles faltaram muitas aulas e seus avanços foram bem pequenos.

Desde o começo das aulas, A. foi o meu maior “alvo”, devido seu imenso desejo de aprender a ler. Sua escrita representava um amontoado de letras, aparentemente sem sentido. Passava a aula toda se depreciando, dizendo que era burra. Era tão insegura que só escrevia quando eu estava ao lado. Mas afirmava tanto que era incapaz que, infelizmente, não conseguiu avançar muito no processo. Entrava em conflito ao escrever porque entendia que as letras que usava não formavam a palavra corretamente. Porém, ela

desistiu quando sua mãe faleceu. Disse-me que não queria mais saber de estudar.

Não seria possível aqui relatar tudo o que foi vivido com os alfabetizandos. Cada aula foi especial, cheia de riqueza e de descobertas. Participar do Alfabetizar(se) foi uma experiência quase que inexplicável. Eu cresci em muitas áreas da minha vida: cresci como profissional pois tive essa grande oportunidade de trabalhar com alfabetização de jovens e adultos; cresci intelectualmente, por ter participado do curso de formação e estudado tão profundamente as idéias de Paulo Freire e Emília Ferreiro; mas, acima de tudo, cresci como cidadã. Cresci porque meus alunos cresceram como cidadãos. Cresci ao ver as pessoas recuperando sua dignidade. Cresci porque vi, em tão pouco tempo, o resultado de um trabalho sério e dedicado. Se algum dia alguém perguntar o que foi mais importante, responderei que o Alfabetizar(se) ensinou-me que é possível transformar uma realidade.